



ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Histórias, tradições e pensamentos batistas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 208p. ISBN 978-85-6825-209-3

Jair Souza Leal *

João Pedro Gonçalves Araújo é professor universitário, formado em teologia e filosofia. É mestre em Ciências da Religião e doutor em Sociologia. Sua formação e experiência acadêmica confirmam a capacidade adquirida para abordar e analisar o tema, interpretar as fontes e dominar a temática. Nas palavras do próprio autor, o livro é “um tipo de alongamento” da sua tese de doutorado e parte das suas pesquisas de pós-doutorado. É composto por cinco capítulos de temas interdependentes que formam um todo, e que estão interligados pelo “contexto social, político e religioso da chegada e implantação do protestantismo no Brasil”, particularizando os batistas. O livro, portanto, fornece conteúdo acadêmico para quem tenta entender o fenômeno religioso e as configurações religiosas dos novos tempos, para quem busca compreender as mentalidades e a cultura, ciente que nela está inserida a dimensão religiosa.

O primeiro capítulo, *As mulheres estejam caladas*, enfatiza que, conquanto as mulheres sejam maioria nas igrejas batistas brasileiras, ocupam um papel secundário. Elas não têm voz, estão excluídas das hierarquias, não são aceitas como pastoras. E conquanto os batistas apresentem fundamentos bíblicos para justificar

Resenha recebida em 28 de setembro de 2016 e aprovada em 07 de outubro de 2016.

* Doutorando em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: jairsouzaleal@hotmail.com.

tal prática, estas são questionadas pelo autor. A partir da compreensão de Habermas, Norbert Elias e Georges Duby, o autor defende que esta foi uma prática transplantada da cultura norte-americana, de onde provém a maioria dos batistas brasileiros. Destaca que a cultura norte-americana apresenta em sua textura básica práticas e crenças trazidas pelos pais peregrinos da Europa. Assim, entende e conclui que foi na sociedade europeias burguesa do século XIII que “começou a se desenvolver a sociedade que tomou as conformações em nosso tempo”. Nesses estágios da formação social encontram-se os fundamentos do silêncio e exclusão das mulheres na sociedade, civil e religiosa. Neste quesito, protestantes e católicos se assemelham. Toda a análise da questão é construída a partir de relatos históricos extraídos de diversas Atas da Primeira Igreja Batista da Bahia, considerada a primeira igreja batista brasileira.

No segundo capítulo, *Eu proponho*, o autor utiliza por título uma expressão extraída das regras parlamentares que ocorrem comumente entre batistas, quando se reúnem em assembleia para deliberar sobre seus assuntos, sobretudo, quanto à aceitação, ou não, de fiéis em seu rol de membros. A partir da leitura dos conceitos sociológicos de igreja e seita em Weber, o autor compreende que os batistas se inserem na categoria de seita, dentre outras razões, pela defesa da autonomia da igreja local, autogoverno e rigor moral aplicado ao indivíduo que quer se inserir na comunidade de fiéis. Também aqui, suas análises são trazidas à pauta a partir da investigação de dados encontrados nas atas consultadas da Primeira Igreja Batista da Bahia, em casos específicos do exame de candidatos ao batismo. Nesta profissão de fé pública eles são julgados pela assembleia se serão, ou não, aceitos. Tornar-se um membro é ato da vontade livre do indivíduo, “um desejo pessoal de ser batizado, ter incluído seu nome no rol de membros e uma promessa de fidelidade e obediência aos preceitos doutrinários”. O autor analisa então a contradição entre a declarada liberdade individual e o compromisso assumido de obediência às regras morais da comunidade. E conclui que os fundamentos desta prática também foram transplantados para o Brasil pelos missionários norte-americanos.

Em nome da lei intitula o terceiro capítulo. Nele, o autor considera o dado histórico de que os batistas, dentre as denominações de missão norte-americanas, foi o último grupo a chegar ao Brasil, porém, o que experimentou maior crescimento. Destaca o modo como os missionários norte-americanos, “vindos de uma cultura que assegurava os direitos individuais e religiosos”, utilizaram sua experiência democrática para batalhar por uma igreja livre dentro do Estado. Destaca ainda “a influência política que os Estados Unidos exerciam no Brasil para fazer ingerências junto às autoridades policiais e políticas do governo brasileiro”, o que contribuiu para que os batistas gozassem dos mesmos direitos de pregar nestas terras sem impedimentos, como faziam em suas próprias terras. O capítulo oferece uma narrativa histórica que perpassa o processo que vai desde quando “a presença do protestantismo e de seus adeptos foram inicialmente proibidos, depois tolerados, até que o catolicismo deixou de ser oficialmente a religião do Estado”. Com a chegada das missões protestantes e a proclamação da República, o cenário da religião no espaço público sofreu importantes transformações. Surgem os conflitos religiosos. Não foi fácil a mudança de mentalidade das autoridades e da religião hegemônica que tinha posição privilegiada. Os grupos religiosos minoritários se uniram para lutar e garantir a liberdade expressa na lei. Esta é a tônica do capítulo, a luta dos protestantes por “uma Igreja livre num Estado livre”, privilegiando a ação dos batistas nesta luta.

O quarto capítulo – *Batistas Alemães x Norte-Americanos* – tem por escopo fazer alguma justiça histórica ao apresentar outro viés da história dos protestantes no Brasil. Em regra, tal história é conhecida, ensinada, lida e interpretada sempre a partir dos missionários norte-americanos. Certamente eles se tornaram maioria, porém, muitos protestantes e missionários europeus também vieram para o país. Chegaram primeiro e formaram aqui seus assentamentos, vilas, colônias, concentrando-se, principalmente, no sul do país. Receberam assistência religiosa e mantiveram sua fé e tradição. O autor privilegia em sua análise os imigrantes batistas alemães, pois, como diz: “quase todos os batistas europeus foram absorvidos pelos batistas norte-americanos do sul”. Contudo, “um grupo de

batistas alemães preferiu ‘resistir’ e não se aliar”. O autor avalia como cada um destes grupos se comportou na luta pela liberdade religiosa bem como destaca as diferenças significativas que há entre eles. Nas palavras do autor, “duas crenças, duas práticas e duas etnias” cujo (des)encontro trouxe alguns estranhamentos que os fazem andar oficialmente separados desde 1910 no Brasil.

O último capítulo intitula-se *Protestantismo no Brasil*. Nele o autor aborda a “relação dos batistas com outras denominações protestantes no século dezanove, suas alianças e disputas”. Mostra como reproduziram no Brasil as mesmas crenças e disputas travadas nos Estados Unidos com outras denominações. Analisa as lutas por espaços religiosos bem como as estratégias utilizadas “quanto ao uso dos espaços nos primeiros anos de sua implantação no Brasil”. Fala das dificuldades enfrentadas para implantar e consolidar as suas igrejas. Destaca a acusação de exclusivismo e não cooperação feita por outras denominações protestantes para com os batistas; e como foi o procedimento dos missionários batistas “nos encontros com autoridades políticas, religiosas católicas, com denominações concorrentes e até mesmo com outros grupos batistas”. O capítulo traz como pano de fundo uma síntese histórica que descreve o contexto social, legal, político e religioso da época. Ajuda a melhor compreender a mentalidade e postura dos missionários, das autoridades policiais, lideranças políticas e religiosas, bem como da reação dos receptores da mensagem protestante, no contexto de uma cultura hegemonicamente católica.

O autor acresce ao livro as recomendações de diversos leitores amigos, compreendidas por ele como importantes - uma forma de dar credibilidade à obra. Sem qualquer sombra de dúvida, a obra mostra-se útil para “enriquecer leitores, apreciadores da história da religião do Brasil, pesquisadores e professores”. Útil também para provocar e incentivar novas pesquisas, reflexões e análises. Afinal, os temas expostos, conquanto densos e tratados com maestria pelo autor, não foram esgotados. Assim, ainda que formando uma unidade, os temas tratados em cada capítulo são independentes e abertos a receber novos dados e análises.